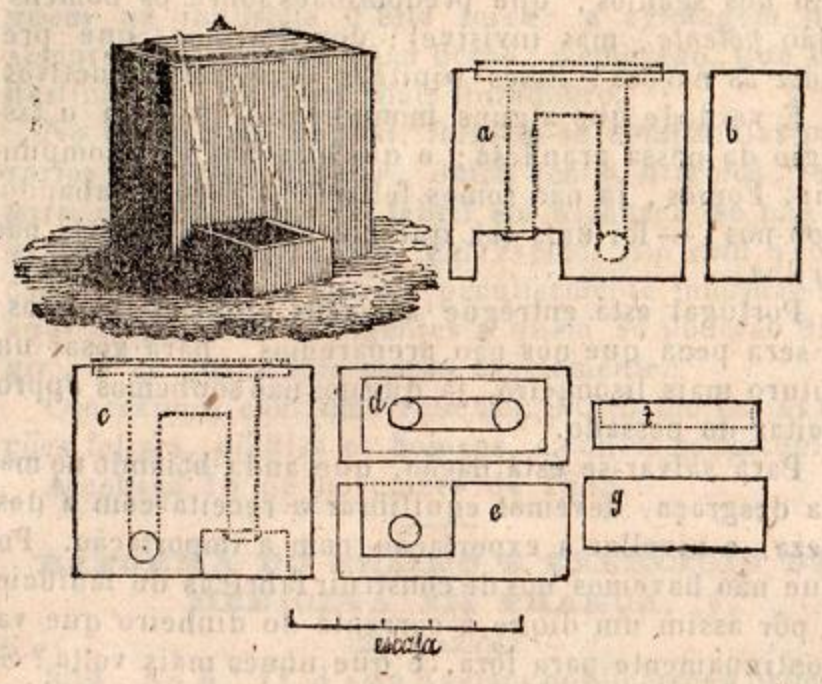
CONHECIMENTOS UTEIS.

BOMBA HYDRAULICA.



301 A estampa que se ve representa uma pedra talhada e preparada, com seus córtes e diversas partes, que serve para despejar as prêsas d'agua por si mesma sem intervenção de ninguem. O Sr. *Alexandre José Fernandes Bastos*, de Cabeça-de-Basto, é o introductor d'esta máchina no nosso paiz e seu aperfeiçoador. Na provincia do Minho, em propriedades do mesmo Sr. Bastos e outros, funccionam muitas d'estas bombas com geral approvação e summa utilidade.

Ha n'aquella provincia porções de terra destinada a pastos, a que chamam *lameiros*. Na parte mais elevada d'estes lameiros fazem reprêsas d'agua, a que chamam *poças*, que servem para regar os lameiros. A prática mais commum é fazer um buraco n'estas poças ou tanques, tel-o tapado, e quando se quer fazer a irrigação destapal-o e deixar correr a agua. Mas como ha lameiros que necessitam e effectivamente teem muitas poças, é necessario trazer pelo menos um homem effectivo empregado em as tapar e destapar. Além d'isso, como para fazer uma boa irrigação é necessario que a agua innunde com fôrça o terreno, espraiando-se immediatamente por todo elle; a agoa que jorra pelo buraco d'um tanque não póde produzir estes bons resultados, porque a fôrça da sahida empregando-se toda immediatamente faz empoçar a agua no terreno contiguo, e a que se dilata vai ja sem fôrça, e consequentemente perde-se ensopando varias porções de terreno sem podêr chegar a outras.

A bomba hydraulica obvía estes inconvenientes, como se vera pela descripção que se vai ler. A figura — A — é a pedra prompta, que se colloca na frente do tanque para o lado da irrigação. Ésta pedra enterra-se no chão e fica servindo de parede ao tanque em todo o espaço da largura d'ella que é de 5 palmos; ficando a sua parte superior um pouco acima do nivel da agua. Ésta pedra tem 5 palmos d'altura, e serve para um tanque que tenha 3 p. de fundo. A maneira de a assentar é inclinando-a para a parte de dentro, para se lhe introduzir a pia, figura — *f* — e depois apruma-se. A figura — *a* — representa um córte deixando ver a parte anterior. Dois tubos se veem ahi marcados, assim como no córte, figura — *e* — que representa a vista da parte posterior, os quaes tubos se fazem com uma broca dando a cada um o diametro de seis pollegadas. Um d'estes tubos vem terminar algumas pollegadas antes de chegar ao fim da pedra, e communica com a agua por meio d'um orificio d'igual diametro feito pela parte de dentro da pedra. Por este tubo sobe a agua até chegar á parte superior, representada pela figura — *d* — onde se cava uma especie de caleiro para communicação com o outro tubo, por onde a agua desce, e que vem terminar na parte inferior, a qual tem, para o lado de fóra, a fórma que representa a figura — *e* —, que é um vão onde se introduz a pia, como se ve na figura — A — um dos lados da qual pia é representado pela figura — *f* — onde se ve marcada a sua profundidade, que é de 1 p. A figura — b — mostra uma das partes lateraes da pedra, ou a sua grossura, que é de 2 p.; e finalmente a figura — *g* — representa a tampa que assenta na parte superior, figura — *d* —, e que deve ser muito bem bitumada para evitar a introducção do ar; porque, como se terá deprehendido, a subida da agua opera-se pelo systema dos scifões; pelo que é indispensavel que o caleiro de communicação entre os dois tubos, esteja calculado de modo que fique abaixo do nivel da agua do tanque, quando este estiver cheio e a pedra assente.

Ésta bomba assim construida, faz por si mesmo a irrigação do seguinte modo: Quando o tanque está cheio a agua d'elle começa a introduzir-se dentro da bomba pelo orificio feito na parte de dentro da pedra, e sobe pelo tubo até ao caleiro da figura — *d* —, descendo logo pelo outro tubo até á pia d'onde trasborda com fôrça e sem jorro, espraiando-se por todo o terreno. O tanque póde assim ficar completamente despejado até ao fundo; mas como a última porção d'agua que sahisse viria sem fôrça por falta de pressão, imaginou-se fazer um pequeno orificio, acima do outro por onde a agua entra, para que introduzindo-se por elle o ar quando a agua do tanque tivesse descido áquella altura, a bomba não podesse mais sorver a restante.

Os principios scientificos em que ésta descoberta se funda, não são para aqui; direi unicamente, a quem não comprehender claramente a utilidade da pia, que ésta serve para que conservando-se sempre cheia d'agua, como se ve que forçosamente acontecerá, evite a introducção do ar dentro da bomba pelo orificio do tubo que n'ella vem terminar, e serve ao mesmo tempo para embaraçar os inconvenientes do jorro da agua rebentando por buraco estreito, sôbre o terreno immediato, pois o derramamento pelas bordas da pia dá maior dilatação ao fluido e por consequencia não ha impeto de veia, havendo todavia fôrça de corrente.

Antes de concluir devo rogar ao Sr. Bastos se digne rectificar qualquer inexactidão, obscuridade ou má intelligencia, que n'este artigo possa haver; por que além de inexperiente n'éstas coisas, quasi que apenas me pude ajudar do modêlo que da sua bomba hydraulica remetteu ha tempo a esta Redacção.

A INDUSTRIA EM ALCOBAÇA.

Sr. Redactor. — Tomo a liberdade de offerecer a V... o incluso artigo sôbre Industria, e se o julgar digno de o inserir no seu jornal, peço-lhe o especial obsequio de dar-lhe publicidade — pois n'isto obsequiará um seu assignante, o Sr. Bernardo Pereira de Sousa.

Sou com toda a consideração

De V...

A. Faustino dos Santos Crespo.

Em 16 de novembro de 1845.

—

302 As nações so podem viver, e florecer pelo trabalho; — a agricultura, industria e commercio: a agricultura, principal fonte, para produzir materias, primas, a industria para por meio do fabrico dar-lhe novas fórmas, adaptando-as ás necessidades communs; e o commercio para promover o consummo, transportando os objectos necessarios á vida aos pontos onde d'elles se careça.

A idea de conquistas está proscripta; e por uma vez deve sêr abandonada; porque as conquistas ja se não combinam com a organização das sociedades modernas; — e sería violar direitos de *reciprocidade* dos Estados; — era finalmente não estar em harmonia com a diplomacia politica e social.

O trabalho é a anchora das nações. Ja lá vai o tempo, em que se julgou, que eram so nobres e honrados os que comiam o fructo dos que *produziam*, e aquelles que trabalhavam eram uns entes *despresiveis*, e que não pertenciam ao genero humano: — como se a fortuna podesse subverter a natureza!

Para demonstrar-mos, que essas distincções so tiveram por origem a vaidade d'alguns homens e que foram despresadas por outros, entre muitos exemplos, que poderia-mos adduzir, não esqueceremos um:

Cincinnato, esse varão excellente, da rabiça do arado foi chamado para o primeiro cargo da republica-romana, e nem por isso a deshonra foi envolta e de mistura com a terra, que o dictador levava nas solas dos humildes *cothurnos*. Lucrecia fiava nas suas lans, e este facto não manchou a gloria das armas de seu marido, que pelejava a favor da patria.

Graças pois á influencia philosophica do Christianismo, que vindo acabar com os privilegios das diversas castas, admitiu a egualdade de todos os homens, e derramou entre elles o amor do trabalho. Algumas nações vemos nós ainda, que vigorosos esforços fazem para que se acabe para sempre com o infame e horroroso trafico da *escravatura*, lançando sôbre os desgraçados o manto da humanidade, e estendendo-lhes uma benefica e generosa mão. Temos bem fundadas esperanças, que os effeitos e progresso da civilisação, hão de conseguir um dia que se chegue ao termo desejado, e que se vença o monte escarpado, que tanto custa a subir!

Se lançâmos um golpe de vista pelos Estados da Europa, onde evidentemente se conhecem os resultados da sciencia da economia politica, o que observâmos nós? Nenhum deixa de cultivar a industria.

Na Belgica e Inglaterra, maravilha-se o espirito com tantos progressos das artes, que assombram o mundo. Na Holanda veem-se canaes abertos, estradas, caminhos-de-ferro, e todos os melhoramentos que tornaram d'um pantano uma cidade opulenta!

So Portugal — o desgraçado Portugal que outrora tão ricco foi com as especierias da India, com o ouro do Brasil, com o commercio do Japão e da China, nunca tractou dos seus melhoramentos materiaes!

Que immensidade de capitaes não vemos nós empregados n'esses edificios dos conventos, que se tivessem tido uma mais util applicação em abertura de valas, rios, estradas, e construcção de fabricas, fariam a felicidade d'este paiz, que está confundido na presença dos que foram pobres, e hoje poderosos? Espirito dos seculos, que predominaes sôbre os homens! Mão *potente*, mas invisivel, dos destinos, que presidiz ás nações! Esses capitaes estão improductivos.

É verdade que alguns monumentos attestam o fastigio da nossa grandesa; o que mais nos deve compungir. Fomos, ja não somos felizes: a riqueza abandonou-nos, — foi uma luz que nos alumiou, mas ja não brilha.

Portugal está entregue aos seus proprios recursos; e será pena que nos não preparemos, para gosar um futuro mais lisongeiro, ja que nos não soubemos approveitar do passado.

Para salvar-se ésta nação, que anda boiando no mar da desgraça, devemos equilibrar a receita com a despeza, e nivellar a exportação com a importação. Por que não havemos nós de construir fabricas de lanificio, e pôr assim um dique á corrente do dinheiro que vai continuamente para fóra, e que nunca mais volta? So nós é que havemos de abandonar a industria? Por isso nós sentimos tão pouca abundancia e circulação de numerario.

Ainda bem que a nacionalidade não está amortecida no coração dos portuguezes.

Em alguns pontos do paiz vemos algumas fabricas, que vão prosperando; mas essas fabricas ainda são poucas, para entre si apparecer a rivalidade da perfeição, e apuro, e igualar a mão de obra extrangeira.

Algumas localidades para taes estabelecimentos não tem até hoje sido aproveitadas, por serem ignoradas. Alcobaça é uma d'ellas: e por estarmos convencidos das grandes vantagens, que esta terra offerece, nos animámos a escrever o presente artigo.

Alcobaça, que em outro tempo teve essa fabrica, que ainda hoje tem nome pela qualidade de seus tecidos — *Os lenços d'Alcobaça* — é no nosso intender um verdadeiro ponto para as manufacturas; — está situada na raiz da Extremadura e Beira, offerecendo um centro para o consummo.

Os portos de mar de Nazareth, e San'Martinho a muito pouca distancia, offerecem commodidades para todos os transportes.

A proximidade dos pinhaes chamados d'el-rei, para algumas madeiras e lenhas; — a população, cujos salarios são baratos; — o edificio do convento para depositos e preparos; — e sobre tudo a fôrça motriz — a agua, que em outro tempo era so possuida pelos frades, e que hoje é propriedade particular, e muito especialmente o logar denominado a Fervença, onde a agua pela sua queda lhe augmenta a fôrça, como se ve pela rapidez com que andam os ingenhos alli existentes; são meios que convidam, e que até nos faz sensibilisar não serem aproveitados para uma tal empresa, que por certo havia de dar lucro a quem a tentasse; porque os materiaes precisos serão de pouco custo, e um bom local para a fabrica facilmente se obterá.

E se ajunctarmos a éstas vantagens as delicias, e

mimos d'Alcobaça, todos se convencerão, que n'esta terra ha todas as commodidades da vida.

Alcobaça tem quotidianamente peixe, optimas e variadas fructas, bom pão, hortaliças, caças, açougue duas vezes por semana, lojas para todo o fornecimento, bom espirito público, e um grande mercado todos os domingos; n'uma palavra nada deixa a desejar.

Quanto a nós Alcobaça rivalisa com Thomar, e talvez em alguns accessorios exceda a nova cidade.

Hoje convidâmos os capitaes, para que se empreguem na industria d'ésta terra: a agiotagem nem sempre hade produzir por ficção; o emprego, que lhes destinâ os, hade ser mais duradouro.

No Porto e na capital, formam-se companhias para varios objectos; é pena, outra vez o dizemos, que para o estabelecimento fabril em Alcobaça se não levante ja uma companhia. Escrevemos isto com o coração, e se alguem quizer peculiarmente informar-se, aqui ha pessoas intelligentes a quem se poderão dirigir, e as quaes informarão exactamente.

Concluimos com uma reflexão. O trabalho faz as nações felizes, civilisa os homens, e cultiva os costumes.

Alcobaça 16 de novembro de 1845.

REFORMA DO ENSINO E EXERCICIO DA MEDICINA EM FRANÇA. (1)

2.ª PARTE.

302 No n.º 17 d'esta REVISTA publicámos a primeira parte d'este artigo, contendo o *aviso* semi-official a todos os interessados, medicos, cirurgiões, pharmaceuticos e medicos veterinarios, com os motivos do congresso, seu fim e meios adoptados, provocando a adhesão de todos. Por noticias posteriores consta teria sua abertura no 1.º do corrente, na sala de S. João nos paços da municipalidade (Hotel-de-Ville) em Paris, sob a presidencia do doutor Serres, membro do Instituto. *A Gazeta dos Hospitaes* foi designada como orgão official do congresso medico, na qual se publicarão quasi diariamente os relatorios completos e officiaes das sessões.

A alta importancia da materia, tractada com a maior somma de luzes que ha mais de trinta seculos se tem visto reunir, deverá inspirar as mais bem fundadas esperanças, não sómente aos facultativos mais proximamente interessados, mas (senão muito principalmente) a toda a humanidade, cujos males se intentam afinal, curar ou prevenir.

Desde Hippocrates até hoje sempre se tem pretendido reformar a sciencia, e a pratica ou a arte: innumeraveis reformadores se tem succedido até hoje, sendo Broussais, Hanneman, e (se se quizer) Priesnitz, *irritação*, *homeopathia*, *hydro-sudo-pathia*, os últimos reformadores, e suas últimas doutrinas.

Facil tem sido a todos, Hippocrates, Galleno, Paracelso, Van-Helmonte, etc., como aos últimos ja referidos, demonstrar a insufficiencia das doutrinas de seus antecessores, porque sobejam as convicções em todos das desgraçadas experiencias contrarias ás promessas, tão esperançosas quanto fallazes. Em todas as reclamadas e prommettidas reformas, os resultados para a humanidade e para a sciencia, tem sido igualados aos do trabalho de *Cisipho*! ou das filhas de Danaus!

(1) Este artigo foi demorado pela nimia abundancia de materias. *Da R.*

Ha perto de meio seculo o sabio Cabaniz propoz tambem uma reforma *legislativa*, como agora se pretende: será ella agora mais bem succedida? Muito o duvidámos, desgraçadamente! Esperâmos é verdade, algum melhoramento no cahos actual da sciencia, e sôbre tudo na pratica, que o espirito dominante dos *interesses materiaes*, vai pretendendo reduzir a uma especie *d'agiotage* da saude publica e privada, verdadeira mystificação!

O scepticismo, quasi cynico lavra por todas as instituições sociaes como contagio assombroso; o espirito d'analyse e emancipação da geração presente tem feito *passar em julgado a sentença condenatoria* contra a *tutella do passado*, por incapacidade e tyrannia. O presente *está no seu direito*, não se lhe póde negar o fundamento. Mas tambem desgraçadamente os factos provam contra sua capacidade intellectual. Depois da analyse, ja mais que sufficiente, o que resta, o que falta, o que se sente por toda a parte, e em tudo (porque tudo foi destruido, para não poder voltar mais) é a synthese social, a synthese em tudo, nas sciencias, nas artes, em cada um dos ramos da organziação social, como no complexo de toda ella.

A medicina (do homem e dos animaes) é a mesma philosophia, que ja Hippocrates muito mal fez em separar, reduzindo aquella a empyrica e rotineira, como tem andado até hoje, mais, ou menos *raciocinada*; como reconheceu o mesmo Cabaniz, aliás d'espirito muito penetrante.

É necessario conhecer o homem *normal*, se se poder, porque existiu, [1] e ainda se encontra n'alguma parte. [2] Não se tem conseguido; até se desespera d'isso!

Temos razões para entrarmos de véras n'esta materia. Ha mais de dous annos publicámos o que sentiamos sôbre a *verdadeira reforma radical*, *complexa*, *cabal e definitiva de toda a medicina*, indicando a necessidade da fundação d'um *instituto normal* para o *ensaio da medicina philosophica*, *preventiva e curativa*. Não temos os meios materiaes! alguem responderá por isso!!! Assim é que temos intendido a reforma na sciencia e na arte, no ensino e na pratica da medicina.

Ja se ve que d'algum modo estamos compromettidos com o publico em nos pronunciarmos sôbre a promettida reforma legislativa do respeitavel congresso medico francez. Cumpriremos nossos deveres. A causa não póde ser mais interessante (nem ha outra que o seja tanto; é de vida ou morte, e mesmo de vida com doenças, ás vezes mais crueis que a morte), nem mais digna da mais séria e profunda discussão, e que mais deva captivar a attenção e meditação do publico, unico, interessado, a final!

Por antecipação, parece-nos que a reforma franceza conservará o typo da medicina *escholastica*, *classica*, *orthodoxa*; *academia*, *universitaria*, *rotineira*, provisoria e não definitiva. Estimaremos vêr desmentida nossa previzão, aliás conforme o progresso actual da doutrina, em certo modo anarchica, por não seguir eschola alguma hoje no geral. Broussais morreu com sua eschola. Hanneman e Priesnitz ficarão para a historia.

Os *Anatomo-pathologistas*, *a medicina arithmeti-*

[1] Nos tempos *patriarchaes*.

[2] Na *Polynesia*, e outras.

ca de M. Louis, não podem resistir á analyse. N'este estado ninguem póde crear a sciencia' por meios *legislativos*, que so poderão favorecer os interesses da arte *pela arte dos interesses!* Veremos!

Jacinto Luiz Amaral Frazão.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXIII.

Continúa a accudir muita coisa vaga e incontrada ao pensamento de Carlos. — Dança de fadas e duendes. — Fr. Diniz o fado-mau da familia. — Veremos, é a grande resolução nas grandes difficuldades. — Carlos poeta romantico. — Olhos verdes. — Desafio a todos os poetas moyen-ages do nosso tempo.

304 Não ha nada como tomar uma resolução.

Mas hade tomar-se e executar-se: aliás, se o caso é difficil e complicádo, pouco a pouco as dúvidas solvidas começam a inliar-se outra vez, a inredar-se... a surgir outras novas, a appresentarem-se faces ainda não vistas da questão... em fim, se o intervallo é largo, quando a resolução tomada chega a executar-se, a maior parte das vezes ja não é por fôrça de razão e convicção que e faz, mas por capricho, ponto d'honra, teima.

Carlos tinha resolvido ir ao prazo dado, no fim do dia. Mas o dia era longo, custou-lhe a passar. Todas as ponderações da noite lhe recorreram ao pensamento, todas as imagens que lhe tinham fluctuado no espirito se avivaram, se animaram, e lhe começaram a dançar n'alma aquella dança de fadas e duendes que faz a delicia e os tormentos d'estes sonhadores acordados que andam pelo mundo e a quem a douta faculdáde chama *nervosos;* em stylo de romance *sensiveis*, na phrase popular *malucos.*

Carlos era tudo isso: para que o heide eu negar?

Entre aquellas imagens que assim lhe bailavam no pensamento, vinha uma agora... talvez a que elle via mais distincta entre todas, a da avó que tanto amára, em cujo maternal coração elle bem sabía que tinha a primeira, a maior parte... da avó que tam carinhosa mãe lhe tinha sido! Pobre velhinha, hoje decrepita e cega... Cega, coitada! Como e porque cegaria ella?

Havia ahi mysterio que Joanninha indicára, mas que não explicou.

Atraz da paciente e humilhada figura d'aquella mulher de dores e desgraças, se erguia um vulto austero e duro, um homem armado da cabeça aos pés de ascetica insensibilidade, um homem que parecia o fado-mau d'aquella velha, de toda a sua familia... o cumplice e o verdugo de um grande crime... um ser de mysterio e de terror.

Era Fr. Diniz aquelle homem; homem que elle desejava, que elle cuidava detestar, mas por quem, no fundo d'alma, lhe clamava uma voz mystica e íntima, uma voz que lhe dizia: 'Assim será tudo, mas tu não pódes aborrecer esse homem.'

Sim, mas sôbre Fr. Diniz pesava uma accusação tremenda, que o fizera, a elle Carlos, abandonar a casa de seus paes! Accusação horrivel que tambem comprehendia a pobre velha, aquella avó que o adorava, e que elle, ainda criminosa como a suppunha, não podia deixar de amar...

E d'estes medonhos segredos sabía Joanninha alguma coisa?

Esperava em Deus que não.

Desconfiaria alguma coisa?... O quê?

E iria elle polluir o pensamento, desflorar os ouvidos, corromper os labios da innocente criança com o esclarecimento de taes horrores?

Havia de lhe fallar na infamia dos seus? Havia de lhe explicar o motivo porque fugíra da casa paterna?

Havia de?..

Não. — Se Joanninha tivesse suspeitas, havia de destrui-las antes; se ella soubesse alguma coisa, negar-lh'a.

Mentiria, juraria falso se fosse preciso.

E não havia de ir ver a avó, não havia de entrar na casa dos seus a consolar a infeliz que so vivia d'uma esperança, a de ver o filho de sua filha?

Não, nunca... O limiar d'aquella porta, que elle julgava contaminado, infame, manchado de sangue e cuspido de oprobrios e deshonras, tinha-o passado sacudindo o po de seus sapatos, promettendo a Deus e á sua honra de o não tornar a cruzar mais.

Mas que diria então elle a Joanninha? Como havia de explicar-lhe um proceder tam extranho, e apparentemente tam cruel, tam ingrato?

Por emquanto as impossibilidades materiaes da guerra serviriam de desculpa, depois o tempo daria conselho.

Veremos! — é a grande resolução que se toma nas grandes difficuldades da vida, sempre que é possivel espaçal-as.

Carlos disse: '*Veremos!*'

Tomou todas as disposições para podêr estar seguro e socegado no sítio onde ia incontrar a prima: e o resto do dia, ancioso mas contente, occupou-se de seus deveres militares, fati-

gou o corpo para descançar o espirito, e em parte e por bastantes horas o conseguiu.

Mas um dia de abril é immenso, interminavel. E as últimas horas pareciam as mais compridas. Nunca houve horas tammanhas! Carlos ja não tinha que inventar para fazer: pôz-se a pensar.

Que remedio!

Pensou n'isto, pensou n'aquillo... uma idea lhe vinha, outra se lhe ia. A imaginação, tanto tempo comprimida, tomava o freio nos dentes e corria á redea sôlta pelo espaço...

Anneis dourados, transas de ebano, faces de leite e rosas como de cherubins, outras pallidas, transparentes, diaphanas como de princezas incantadas, olhos pretos, azues, verdes... os de Joanninha em fim... todas éstas feições, confusas e indistinctas mas de estremada belleza todas, lhe passavam deante da vista, e todas o incantavam. O desgraçado... — Porque não heide eu dizer a verdade? — o desgraçado era poeta.

Inda assim! não me esconjurem ja o r paz... Poeta, intendamo'-nos; não é que fizesse versos: n'essa não cahiu elle nunca, mas tinha aquelle fino sentimento d'arte, aquelle sexto sentido do *bello*, do *ideal* que so teem certas organizações privilegiadas de que se fazem os poetas e artistas.

Eis aqui um fragmento de suas aspirações poeticas. Vejam as amaveis leitoras que não teem metro, nem rhytma — nem razão... Mas emfim versos não são.

—

'Olhos verdes!..'

'Joanninha tem os olhos verdes...

'Não se reflecte n'elles a pura luz do ceo, como nos olhos azues.'

'Nem o fogo — e o fummo das paixões, como nos pretos.

'Mas o viço do prado, a frescura e animação do bosque, a fluctuação e a transparencia do mar,

'Tudo está n'aquelles olhos verdes.

'Joanninha, porque tens tu os olhos verdes?

'Nos olhos azues de Georgina arde, em sereno e modesto brilho, a luz tranquilla de um amor provado, seguro, que deu quanto havia de dar, quanto tinha que dar.

'Os olhos azues de Georgina não dizem senão uma so phrase d'amor, sempre a mesma e sempre bella: *Amo-te, sou tua!*

'Nos olhos negros e inquietos de Soledade nunca li mais que éstas palavras: *Ama-me, que es meu!*

'Os olhos de Joanninha são um livro immenso, escripto em characteres moveis, cujas combinações infinitas excedem a minha comprehensão.

'Que querem dizer os teus olhos, Joanninha?

'Que lingua fallam elles?

'Oh! para que tens tu os olhos verdes, Joanninha?

'A assucena e o jasmim são brancos, a rosa vermelha, o alecrim azul,

'Roxa é a violeta, e o junquilho côr de ouro.

'Mas todas as côres da natureza véem de uma so, o verde.

'No verde está a origem e o primeiro typo de toda a belleza.

'As outras côres são parte d'ella; no verde está o todo, a unidade da formosura creada.

'Os olhos do primeiro homem deviam de ser verdes.

'O ceo é azul...

'A noite é negra...

'A terra e o mar são verdes...

'A noite é negra mas bella: E os teus olhos, Soledade, eram negros e bellos como a noite.

'Nas trevas da noite luzem as estrellas que são am lindas... mas no fim de uma longa noite quem não suspira pelo dia?

'E que se vão... oh! que se vão emfim as estrellas!..

'Vem o dia... o ceo é azul e formoso: mas a vista fatiga-se de olhar para elle.

'Oh! o ceo é azul como os teus olhos, Georgina...

'Mas a terra é verde: e a vista repousa-se n'ella, e não se cança na variedade infinita de seus matizes tam suaves.

'O mar é verde e fluctuante... Mas oh! esse é triste como a terra é alegre.

'A vida compõe-se de alegrias e tristezas...

'O verde é triste e alegre como as felicidades da vida.

'Joanninha, Joanninha porque tens tu os olhos verdes?..'

—

Ja se vê que o nosso doutor de bivac, o soldado que lhe chamou *maluco* ao pensador de taes extravagancias, tinha razão e sabía o que dizia.

Infelizmente não se formulavam em palavras estes pensamentos poeticos tam sublimes. Por um esfôrço milagroso de photographia mental, apenas se pôde obter o fragmento que deixo transcripto.

Que honra e glória para a eschola romantica se podessemos ter a collecção completa!

Fazia-se-lhe um prefacio incisivo, palpitante, *britante*....

Punha-se-lhe um titulo vaporoso, phosphores-

cente... por exemplo: — Echos surdos do coração — ou — Reflexos d'alma — ou — Hymnos invisiveis — ou — Pesadellos poeticos — ou qualquer outro d'este genero, que se não soubesse bem o que era nem tivesse senso commum.

E que viesse ca algum menestrel de frak e chapeu redondo, algum trovador renascença de collete á Joinville, luctar com o meu Carlos em pontos de romantismo vago, descabellado, vaporoso, e nebuloso!

Se algum d'elles era capaz de escrever com menos logica, — (com menos grammatica, sim) e com mais triumphante desprêzo das absurdas e escravizantes regras d'essa pateta d'essa eschola classica que não produziu nunca senão Homero e Virgilio, Sophocles e Horacio, Camões e o Tasso, Corneille e Racine, Pope e Moliere, e mais algumas duzias de outros nomes tam obscuros como estes?

Continúa. *A. G.*

DO PARIATO. (*)

305 Não havendo, ao que me parece, na legislação dos antigos romanos coisa que os modernos podessem adaptar para a fórma de govêrno que devisaram sôbre a base da representação, vamos a ver se nos costumes que salvam as nações, somos mais bem succedidos, e ahi achâmos o espirito d'essa representação, ou rastreâmos alguma idéa das que os paizes constitucionaes concebem acerca da liberdade politica, nos tempos actuaes.

A poesia não se reputa por um dos menos fieis daguerrotypos das sensações que preocupam o homem no tempo em que ella é escripta, e por isso assim como passei em analyse um poeta em Inglaterra, quando quiz ver quaes eram as apprehensões que mais tocavam aquella nação no tempo de Elisabeth, temos a respeito de Roma um outro escriptor, Lucano, a quem os modernos á falta de outro, tem dado o nome de cantor da liberdade, onde podêmos consultar os pensamentos que predominavam os animos no tempo em que elle poetou. Eu nada tenho com as particularidades do estylo d'este epico, é so com o sentido que os seus versos expressam. Se este é o meu unico intento, muito menos me deve para aqui importar se teve licção ou se os seus conhecimentos se estenderam a muito; se é a actualidade ou a erudição que constitue o vate; se teve veia poetica, ou se foi feliz no seu estro; se a inspiração lhe supprin contrastes não achados, ou se os tinha, com os quaes podesse surprehender a imaginação dos seus leitores; se teve amenidade d'indole, qual a sua philosophia, ou se a não tem etc.

Tendo os seus dias sido abbreviados aos 26 annos d'idade, pouco tempo viveu para adquirir a perfeição de nenhuma qualidade com que porventura a natureza o houvesse brindado. Não se lhe póde comtudo negar uma grande applicação, porque quem compõe 8,057 versos nos poucos dias que viveu, afóra outras mais obras, mostra que não é descuidado e deve ter vivido muito comsigo para tantas composições. Aos 18 annos que tivesse começado, e ja não era muito tarde para effusões heroicas, que para quem não passou por ellas ao vivo exigem reflexão, era mais de um dos livros da Pharsalia por anno. Tendo tão severamente sido censurado na colleção de Nisard, me parece lhe podia este insigne philologo ter mitigado a sua crítica com um minimo quanto de qualificação n'esta parte. A sua magistral censura não houvera com essa pequena reducção perdido nada do seu muito valor.

Eu tenho dito que não era objecto para ésta averiguação conhecer-se, se Lucano era instruido; e decerto que não é, em quanto á solidez d'essa instrucção, mas para os nossos fins não deixa de ser conveniente saber-se que elle sabia tudo, e de tudo sabia, astronomia, geographia, topographia, cosmogonia, mythologia, aruspicia, navegação, e por conseguinte é natural sôbre a politica tambem estivesse a par da epocha em que viveu. O que se póde asseverar é que a variedade em superficie que este auctor teve, concorreu não pouco a prejudicar a acção do seu poema; porque para empregar esses seus conhecimentos distrahiu a unidade da sua epopea em *fioreturi*, episodios, e similes interminaveis: o que alias não teria feito se fosse menor a sua sciencia. Postos de parte os ornatos, e removidas as intercalações, avaliado o poema só pelas suas noticias, tem-se dito que elle é uma gazeta. Eu não acho. Antes me parece que nunca houve nada menos similhante, porque nada diz. Não me atrevo a pôr-lhe chrisma, esse direito é so da *eschola*, mas se me atrevesse, chamava-lhe, rhapsodia. E avançava mais, que se os horrores e a mania, são os characteristicos do vulgo romantico, então ja Lucano foi um d'elles, antes de apparecerem agora. Eu vou por alto fazer uma taboa das materias dos dez livros da obra, para mostrar os meus fins, e ver-se-ha incidentalmente, em mais de um exemplo, que eu não trescalo n'ésta proposição uma virgula sôbre os suridos espectros de que veste as suas descripções. Debuta o auctor por condemnar o uso das armas, mas é porque não continuam na conquista do alheio. Logo depois diz a Nero—sed mihi jam numen, que era para elle ja um Deus, e isto acompanhado com menos honestidade de expressão do que a de nenhum d'esses hypocritas apologistas que elogiaram os fastos de D. Miguel. Em seguimento á adulação nauseabunda que prodigalisa ao tyranno, vem uma lamentação sôbre o reinado dos dois conquistadores, e á falta de Julia filha de Cesar para medianeira de paz entre o pai e o marido. Nos versos 126-128 ve-se positivamente que não é senão de um duelo entre Cesar e Pompêo que se tracta, em que se não sabe —quis justius induit arma; mas a causa dos vencedores agradou aos Deuses e a dos vencidos a Catão. D'esta sentença deprehende-se que não tendo a republica sido sempre senão um ajuntamento de pequenas imagens e copias da cidade de Roma, assim tambem nunca podia ter tido uma opinião pública como se fosse uma nação. Se a tivesse tido, como por exemplo entre os modernos, não se faria tanto cabedal d'este verso. Nós não diriamos uma tamanha heresia hoje; como que um homem qualquer que elle fosse, valia mais a sua moral do que a do divino Salvador. Por outra parte os retalhos de terreno, com suas leis em parte similhantes em parte diversas, prohibindo-se até o casamento entre os indi-

(*) Continuado de pag. 260.

viduos de umas povoações com os de outras, para a metropole se poder manter, e que deu a guerra social passados 500 annos ja da fundação da republica, é uma noção em que na reconstituição das nações da Europa actual, ninguem em seu juizo iria tropeçar. Sem ir muito longe, Ostia, que era como Paço-d'Arcos para Lisboa, era uma colonia de Roma, mas não era de Roma como Paço-d'Arcos é de Portugal. Destruir *concetti* d'estes foi uma das primeiras medidas dos regeneradores em França, reduzindo-a toda a departamentos, para que cessassem todas as distincções d'origem.

Na calça do celebrado verso em que

Vitrix causa Deis placuit, sed victa Catoni

temos uma amplificação sôbre o luxo, o qual é a causa que o povo, immotas as armas, não goze a sua liberdade. Desde aqui, uma interlocução precedendo á internecina em que Cesar acaba por crer que pelos fados a guerra é o juiz a empregar no pleito que pende: quando estava n'isto, chega o venal Curio, ousado em usar a palavra liberdade, que diz a Cesar que lhe transferira os *quirites*, em quanto teve o rostro, e que não podendo dividir o mundo, o haja para si so — Entendido assim, Cesar convoca os soldados, e ainda que lhes diga entre o mais, que as armas a quem as tem, tudo dão se lhe negam o devido, e que vão tirar a cidade da subjeição em que está aos seus senhores; o vulgo tremendo, estando incerto; exclama-lhe Lelio, que jura pelos triumphos d'elle Cesar, que se elle lhe mandar metter o gladio no peito do irmão, pescoço do parente, ou ventre da conjuge a parir, invicta a dextra, tudo faz. Espoliar a Deus, deitar fogo ao templo etc. Reanimadas com ésta furibunda apostrophe as cohortes de Cesar, temos um compendio de terras e das forças, e sôbre ésta resenha, atterrada de pavor a plebe, e tambem a curia, ainda em Roma, exilam-se os padres e fugindo mandam o decreto do senado aos consules; apparecem muitos prodigios, lustram-se os muros da cidade, diz-se que os crimes hão de victoriar a virtude, que hade succumbir ao poder d'um senhor; allegando-se que uma crise de males taes so com a guerra civil se póde livrar. Mais presagios, e o horoscopo das vicissitudes que estão por vir; com o que se acaba este canto.

No segundo temos, luto das matronas, imprecações dos homens pedindo a guerra com todo o mundo menos a civil, ou então que se abrase, se assim agrada ao Supremo, a Hesperia. Pedem ao seu parente, fira, á uma os chefes e seus partidos segundo o merecerem, que buscam tantos flagicios para verem qual hade primar na cidade. Lastimam-se os miseros que seus paes os conservassem. Um d'elles conta de Mario, de Sylla, e que entre os cadaveres andou a buscar qual a cabeça *convenial*, ajustaria no pescoço d'um irmão degolado. De Mario filho, continua-se a contar que lhe cortaram as mãos, arrancaram a lingua que palpitante e muda se move, ja fóra da bôcca, a ferir os ares, tambem amputaram as orelhas, o nariz; arrancaram os olhos das orbitas, os quaes deitam a sua ultima vista para os pedaços jacentes. Segue uma comparação d'estas inflicções á d'uma mole que esmaga a uma pessoa debaixo das suas ruinas, e dos informes troncos que morrem no meio do mar e vem á praia. Ésta descripção podia ter sahido dos talhos do campo de Sant'Anna. Apoz d'esta narração de fressura, entram em colloquio Bruto, Catão e depois Marcia. O primeiro, a saber se Catão é pela paz, ou se involvendo-se na guerra a irá absolver, allegando Bruto que a causa d'ella é o egoismo de cada um que polluido, teme as leis na paz, ou faminto foge á fome com a espada por entre as ruinas, suffocando a fé. O espolio do vencido, diz Bruto, é o alvo a que se mira n'ella. Vem aqui, em continuação, uma enfiada de lisonjas a Catão, taes como: quem não hade querer morrer das suas cutiladas; quão alegre Cesar hade ouvir que entrasse Catão na guerra; e que não pesaria a Cesar que elle passasse para o campo do magno Pompeio. Agradar a guerra a Catão era o gosto de Cesar. A maior parte do senado e os proceres, sem consul, a sollicitar a luta, e Catão tambem, todos teriam o jugo de Pompeio, e no orbe ficaria so livre Cesar. Remata Bruto que se Catão lhe mandar pegar em armas pela patria e pela liberdade, elle nem será inimigo de Pompeio nem do Cesar, e so do vencedor. A resposta de Catão é confessar o summo delicto da guerra-civil, mas o que os fados trazem, a virtude firme segue. O crime será so do Supremo que o faz delinquir. A subversão dos astros, mundo; as gentes ignotas a seguir as insignias da republica, e elle so no ocio — elle seguro e Roma a cahir! Hade abraçar Roma, o nome da liberdade, e rastejar-lhe a inanida sombra. Vão com Roma todos os crimes: não se defraude nenhum sangue á guerra: fosse elle quem soffresse todas as penas: todas as lançadas fossem n'elle, o seu sangue remisse o do povo, a sua morte pagasse o preço que valem os costumes romanos. Porque hade o povo morrer se elle facil quer soffrer o freio do sevo reinado? A mim so assalte o ferro, a mim illudido observador da lei e das inanias do direito. Este pescoço dá paz, e fim aos trabalhos das gentes da Hesperia. Depois de mim a guerra para reinar, não é precisa. Seguindo as insignias publicas com Pompeio, general, se a fortuna o favorecer, não está bem comprovado, elle antolhe para si todo o direito sobre o mundo: vença tambem commigo, nem para si repute, que venceu. Entra n'este final Marcia, que depois d'outras razões sôbre o seu alterno e bi-connubio, quer seguir a guerra e pergunta porque hade ficar ao abrigo d'ella, e se Cornellia é mais aguerrida? Ceremonias do casamento. Character de Catão. Sem sollicitude ou odio, cuida em deplorar o genero humano — seguir a natureza. A sua vida depende da patria, não para si mas para todos se crê nascido. As suas iguarias, vencer a fome. A pompa de seus penates, viver debaixo de tecto no inverno. As preciosas vestes, a aspera toga antiga romana, costume dos quirites. A sua voluptuosidade, a procreação. Pai da cidade, ella é a sua matrona. Cultor da justiça, rigido acatador do honesto; para todos, bom; nunca se subtrahiu a deveres ou reservou para si gozos.

Depois d'este retrato de Catão, seguem-se disposições de guerra de Pompeio; a topographia onde ella se pelejará. D'aqui passa a Cesar a quem pinta como furioso por sangue; explica a séde de suas operações. A isto Dominicio, que se dá por offendido de Cesar lhe dar a vida depois da defecção de Corfinio. Vem a falla de Pompeio ás legiões, em que diz o que tem feito e pouco mais de nada de Roma. É mal recebida a sua arenga; a topographia de Brundusium; temores de Pompeio. — Discivit fortuna tuis. Não é a da republica.

Visão de Pompeio, em que Julia ameaça de o perseguir de noite em quanto de dia o cerca Cesar. Foge Pompeio. Senhor da Italia, Cesar tracta de dar pão a uma plebe faminta; descripção das terras ferteis. Avança para a cidade mas não o recebem bem, ao que diz, não preffere que o estimem. O terror subjuga atonita a cidade.—Omnia Cesar erat. Tomado d'ira, um varão quer defender o direito da liberdade desvalida. As turmas belicas que adherem a Pompeio. Manutra opugnante que, *causas* non fata, sequi. O seu bosque celebre. Combate naval. N'este, Catus, recebe duas feridas e o sangue esteve incerto por qual d'ellas mane. Giario querendo saltar á popa do navio de Catus, uma flecha vem atravessa-lo no ar e prega-o ao costado onde fica pendurado. Dois gemeos um d'elles leva a mão a uma galera, e sendo-lhe cortada ainda ésta fica apertando a borda, á qual leva a outra. N'isto perdendo ambas, vai fazer de peitoril ás armas fraternaes, contra os tiros. Afinal alegre com as muitas feridas, e enervado, atira-se a embarcação adversa para com o pêso a adernar. Lycidas partido ao meio entre mares e ceo, não se lhe esvai o sangue como a qualquer, sahe-lhe todo d'uma vez; mas a agua intercepta-lhe a vida. d'onde nunca houve alma que tivesse tantas vias por onde se sahir. O tronco falecido ja estava no Lethes, porém o pulmão e as viceras, pulam, respiram tempo ainda, pelo que o fado luta muito para levar os seus restos ao outro mundo. Outro peito abre-se com as proas de dois navios que se encontram, são ralados membros e ossos, retinem-lhe as esperas dos navios no corpo, a barriga é esmagada, sahem-lhe pela bôcca as intranhas envolvidas em sangue negro, e a agua rodomoinha-lhe no thorax mutilado. Os braços a um, n'outra galera, ficam-lhe pendurados tambem. Os dardos são tirados dos cadaveres para o combate. Outros, arrancam-nos das feridas que apertam com uma mão, emquanto com a outra os arremessam, e depois tornam a deixa-las abrir. Quando não podem mais deitam-se uns aos outros para se affogarem. Alguns agarram com as mãos nos remos para não deixarem remar. Outros ja moribundos, penduravam os seus membros rotos ás proas para embotarem a abalroação

Continúa. *C. A. da Costa.*

ROMANCES.

VIVER E PADECER.

II.

306 Os primeiros raios do sol, entrando pela janella de uma habitação, mobilada com pobreza extrema, vieram acordar um homem que alli adormecêra, sentado em uma cadeira, com a cabeça encostada nas mãos, e os cotovellos firmados de encontro ao parapeito da janella.

—Astro do dia, disse elle, estendendo os braços para o Oriente, quando o disco abrazado do sol começava a invadir o horisonte com a sua luz—astro querido, vem com o teu calor animar este corpo atormentado e desfeito pela mão de Deus, e ainda mais pela mão do homem... Sonhei ésta noite que ainda estava na Asia, a palmeira elevava o tronco esvelto para o ceu; ao longe via eu vecejar os oasis, e sentia o tenir dos cascaveis das caravanas, que atravessavam o deserto, cantando louvores do propheta. A herva do prado, pensava eu então, tem o orvalho da noite que a refresca, e a não deixa morrer; a florinha nascida á borda do ribeiro, passa a existencia a mirar-se nas aguas crystalinas que lhe deram o ser; o deserto contempla com amor a palmeira, nascida de entre as areias, e vivendo, como por encanto, debaixo de uma abobada abrazada; até a sphinge, sentinella perdida do dezerto, e alli postada para dizer aos que passam que alli chegou a mão do homem, até essa mesma, parece ver com alegria projectar-se-lhe a sombra no solo requeimado... E quando taes idêas me vinham ao pensamento, chorava, e chorava, porque eu nada possuia cá n'este mundo, para onde a mão de Deus me arrojára, como se o ferrete de maldição me houvera marcado a fronte...

E escondeu o rosto entre as mãos, murmurando com voz cortada pelos soluços:

Alli depois d'acordado,
C'o o rosto banhado em agua,
D'este sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado,
Não é gôsto mas é magua.

Era o homem que estivera no dia antecedente na cathedral, e que alli fôra para orar, e gemer. A amargura e a dor havia sido a sorte d'aquelle homem cá n'este mundo.

Pobre poeta! Déra-lhe o Senhor coração nobre, e alma animada pelo fogo da inspiração, para que a sua existencia no mundo fosse um penar contínuo, o revolver-se do morimundo no leito do extremo padecer. Despresara-o a sociedade, havia-o lançado de si, maldito como o filho parrecida; e quando aquelle homem, pobre, miseravel, e com fome e sede, estendêra a mão para lhe pedir a esmola que senão recusa ao extranho, quando lhe elle pedíra alivio para a agonia de tantos annos,—a sociedade voltára o rosto, e nem siquer o ousára encarar, porque por ventura teria que córar de pejo e remorso.

Qual sería o crime d'aquelle homem, para assim se ver repellido, e abandonado? Quebraria os laços mais sanctos, que ligam o homem ao mundo? Teria renegado o Deus de seus pais, ou commettido algum delicto, d'esses de que se não póde obter perdão, antes de chegarem os trances dolorosos do passamento?—Não... Aquelle homem havia combatido pelo seu Deus, e pela sua patria; empregára o dom da inspiração com que o Senhor lhe dotára a alma, a ennobrecer a terra que o víra nascer, a alevantar-lhe monumentos de gloria,—aquelle homem era, emfim, innocente de todo o pecado social,—quereis saber o que elle era?—Uma das victimas numerosas da sociedade, que arrastadas de precipicio em precipicio, pela desgraça e fatalidade, vão despenhar-se as mais das vezes no abysmo do suicidio. Quando tal acontece, o crime e o pecado se cumpre na mesma acção, e a sociedade não se esquece de condemnar a memoria d'esses homens, sem lhes consagrar uma lagrima, sem se recordar que foi ella propria quem offereceu aquellas victimas, em holocausto aos anjos do mal.

Bateram: e o poeta levantou-se, e abriu.

Era o religioso, com quem na vespera se encontrára na igreja, e que por alguns instantes lhe derramára n'alma o balsamo da resignação e da fé.

E mal que elle entrou, o poeta lançou-se-lhe nos braços, apertou-o contra o coração.

Fôra na vespera que se haviam visto pela primeira vez, mas aquellas almas generosas, haviam-se logo comprehendido, e um laço que não podia quebrar-se senão com a vida, as ligára e uníra desde logo.

— Meu amigo, disse elle, arrancando-se dos braços do religioso, se soubesseis como ainda hei mister dos vossos confortos? Que noite que eu passei! E aquella mulher que eu cuidava no ceu, aquella visão!...

O religioso poz-lhe a mão no hombro, e disse-lhe com tom de voz affectuoso:

— Deu-te Deus o dom da poesia, e porque te não havia de dar o tempo que ja volveu, a resignação do justo, e o pensar do philosopho?...

— Fallais verdade; atalhou elle, passando a mão pela fronte, como se quizera com aquelle gosto afastar quantas idêas lhe affligiam a mente. Praticaremos de outro assumpto, que não seja dos meus pesares... Sabeis porventura novas d'Africa?

— O cardeal aguarda a volta de Salvador de Medeiros, a quem com cartas suas a elrei expediu para Arzilla. Haverá cerca de quinze dias que se abalou para aquellas paragens, e o cardeal começa a arreceiar-se de algum acontecimento funesto ao rei, e ao reino.

— Estamos a quinze de agosto, e e tá a fazer dois mezes que elrei se embarcou para Africa; faltos de novas, com pensamentos incertos e arreceiados, parece que o coração nos agoura mau fim da empreza.

Um sentimento profundo de tristeza e melancholia se estampou no rosto do religioso; dissera se que a convicção intima do mal futuro se lhe apoderára do espirito, que um mau agouro de infelicidade e desventura, lhe opprimia o pensamento.

— Os annos embranqueceram-me os cabellos, envelheceram-me o corpo, disse elle depois de curto silencio, mas a experiencia das coisas do mundo repassou-me o coração; e para mim que estudei o passado, apresenta-se-me o futuro desencuberto, e sem o veu com que se occulta aos olhos de quasi todos. Um rei, mancebo, enthusiasta e emprehendedor, amado por um povo, tão altivo e orgulhoso como elle, das glorias da patria, meditou uma expedição custosa e arriscada; e eu pobre velho, desapontado de quantas illusões tem este mundo, envelhecido no estudo do passado, empreguei quantos meios me Deus deu, para desaconselhar o rei d'arriscar tão cedo a herança dos seus avós, a coroa que elles haviam salvado de tantas tempestades; quasi que de joelhos lhe pedi que não fosse tingir as areias d'Africa com o sangue portuguez, que nos poupasse lagrimas de dor, que não se fosse offerecer, como o sancto rei Luiz, em sacrificio aos adoradores do falso propheta... O vento da lisonja levou-me as palavras; e todas as imaginações, fascinadas pelo orgulho, ou embaladas pela poesia, todas se alevantaram, para com expressões fortes e sonoras, proclamarem a frieza e loucuras de um pobre velho, meio morto, diziam elles; e homens de lei sem experiencia, cortesãos ignorantes, cavalleiros avaros de fama e valimento, todos tiveram alguma palavra que dizer ao homem que estendia as mãos, para amparar o reino, que não fosse despenhar-se em um abysmo: todos tiveram que responder ao velho mal aventurado, que os queria salvar, mas tudo eram palavras repassadas de ironia, e ditas sorrindo de piedade e escarneo!

E tambem vós, continuou elle, tambem vós elevasteis um brado, de que porventura ja a esta hora vos arrependeis; as vossas palavras, animadas pelo fogo da inspiração, repercutiram no pensamento de um rei, avaro de gloria, com o espirito embalado pelo phantasiar vago de uma imaginação de 23 annos, ardente como o sol dos desertos que elle queria ir conquistar... As vossas palavras, principe dos poetas, retumbaram nos cantos d'ésta nossa terra, e ainda mal que o povo as ouvíra, e bradou — guerra aos infieis! Africa e victoria! Ainda mal que assim succedeu, porque, se me não engana o coração, teremos que chorar lagrimas de dor e angustia...

E quando elle acabou éstas palavras, cahiu quasi esmorecido em uma cadeira.

Com verdade fallára o religioso. Emquanto D. Sebastião se entregava aos sonhos venturosos do futuro, um homem que havia ja empunhado o sceptro de regente, sorria com esperançoso desdem, porque o pensamento ambicioso e avaro, se lhe alegrava com a idêa de titulo magestoso, pronunciado dobrando o joelho, e abatendo a fronte; ria com um movimento de labios nervoso, porque com as mãos tremulas quasi que ja tocava uma coroa, manchada em sangue de martyres, arrancada aos pedaços, e antes deposito que posse verdadeira. E lá mais ao meio dia, assentado no throno riquissimo das Hispanhas, lá estava um homem que sorria tambem, mas não com sorrir d'insensato; sorria de piedade pela sorte d'esses que íam morrer em Africa, que poderiam ter-lhe um dia crescido o numero dos vassalos; aquelle homem arfava-lhe o peito de prazer, porque este canto da peninsula, ésta terra abençoada por Deus, joia separada havia quasi cinco seculos da coroa de Affonso VI, desamparada pelo Deus d'Ourique, hia cahir nas garras dos leões de Hispanha.

— Não desanimeis, disse o poeta ao religioso, apertando-lhe uma das mãos, felizes e venturosos hemos sido em tudo quanto os nossos reis tem emprehendido, e porque nos havia agora desamparar o Deus das victorias?....

— Ouve, tornou-lhe o religioso com voz grave e pausada. Estavamos uma vez reunidos na sala grande da torre de Belem, aonde elrei mandára convocar os homens do seu conselho, para os avisar do que por último havia decidido. As paredes da sala estavam ainda adornadas com alguns tropheos d'armas arrancadas aos mouros, aos castelhanos; ferros e tropheos inimigos estavam por alli intercalados com as armas e estendartes marcados com as quinas portuguezas O rologio do convento dos Jeronymos dera 6 horas. Era o terminar de um formoso dia de verão, tão lindo e tão suave, como ja agora eu não tornarei a ver. O sol, depois de haver alumiado com um reflexo de ouro as ameias mais altas da torre, hia-se mergulhando no Oceano, e parecia deixar um saudoso adeus á terra. Depois a lua levantou-se, e solemne e magestosa, começou a sua carreira sôbre um ceu puro, e estrellado. Os raios do astro da noite, penetrando pelos janellas rasgadas e ogivas, espalharam no interior da sala uma luz distincta, que se reflectiu, ao começo, na superficie mais polida das armaduras, suspensas na extremi-

dade das paredes, depois, aquella luz tornou-se mais viva, mais clara, e sôbre o lagedo do aposento se devisaram couraças, escudos, elmos, montantes, arcabuzes, e até estandartes, em que se podiam ver as quinas de Portugal, e leões d'Hispanha, e as meias luas mussulmanas. Mas tudo fôra revolvido, tudo estava desordenado, como se algum espirito de destruição houvera atravessado aquella sala, como se o sopro da tempestade houvera varrido diante de si todos aquelles objectos de guerra e morte. E ja alli não estavam senão as armas com que se não poderia pelejar; mandára elrei que os commandantes das columnas, que deviam ir a Africa, fossem pelos arsenaes, escolhendo quantas armas e petrechos de guerra estivessem capazes de servir; e havia um mez que nas officinas se trabalhava noite e dia, e que todos os armeiros e alfagemes do reino, assacalavam as couraças, afiavam espadas, aguçavam lanças, e concertavam os arcabuzes.

Havia ja algum tempo que o silencio succedêra á discussão. Tinhamos todos o espirito sepultado em profundo meditar, e até elrei, ou fosse canceira do lidar continuo em que andava, ou abatimento d'alma, tinha um cotovello fincado na mesa, e a fronte reclinada na mão esquerda, em quanto com a mão direita, em que tinha a espada, parecia querer traçar linhas confusas sôbre o lagedo da sala.

E assim como estava, disse com voz concentrada e pouco distincta:

— Venturoso te chamáram, D. Manuel; diziam verdade, bem venturoso! No teu imaginar, ricco e magestoso, teve origem um desejo, tão altivo e ousado, que mal podias pensar em o ver um dia cumprir-se. Foi um sonho de gloria e ambição real, e quando d'elle acordaste, pareceu-te que te apertavam e opprimiam o peito as muralhas das fronteiras, pareceu-te o throno dos nossos avós estreito e mesquinho para ti; e levantaste a voz, fizeste um aceno, e o teu povo agitou-se, revolveu-se, similhante ao animal fiel e dedicado, ao ouvir a voz do seu senhor; o teu povo, brioso e esforçado, comprehendera-te o pensamento, e ja aos pelejadores lhes pesava ao lado a espada e o montante; aos homens da sciencia e da arte se communicára tambem aquelle desejo, que te ardia n'alma, que em sonhos te fazia ver senhor dos regalados climas d'Asia, dos verdes palmares do Oriente. Bem venturoso foste, porque não correu muito tempo, sem que tu visses largar do porto o galeão alteroso e soberbo, que levava por capitão o homem que te hia realisar os sonhos do phantaziar vago de rei, aquelle que á volta a terras de Portugal, te havia de saudar principe do Oriente, senhor da Ethiopia, da Arabia, e da Persia.....

Calou-se um instante, depois exclamou, com voz forte e apaixonada, e levantando a cabeça:

— Ah Africa! Africa!

Tão silenciosos e absortos haviamos estado durante todo aquelle tempo, que ninguem senão eu attentára em que a sala se havia escurecido, e que o ceu se toldára; ninguem ouvíra as vagas a quebrarem-se de encontro aos alicerces da torre, e o som rouco do trovão que se aproximava, trazido pelo vento da tempestade.

Elrei levantou-se. Levantamo-nos todos.

— Senhores, disse elle, carregando os sobrolhos, de hoje a 8 dias sahiremos o porto de Lisboa, e iremos demandar terras d'Africa. Confio na valentia dos meus guerreiros, e no auxilio de Deus, que me não hade desamparar.

N'aquelle instante fuzilou um relampago, e o estampido do trovão se ouviu logo. A tempestade estava imminente. Depois outro relampago, e outro, o estrondo dos trovões retumbava com som medonho, e uma rajada de vento veio açoitar as vidraças das janellas.

Elrei fez-se pallido. Cubrio-se; e ja hiamos sahindo da sala em que estiveramos, quando na sala immediata vimos luz, e ouvimos uma voz que dizia: — Senhor, senhor, aqui estão luzes. é uma tempestade medonha; — e vendo que elrei ja sahia, — melhor seria, senhor meu, aguardar aqui que o tempo serene.

Era D. Aleixo de Menezes, o aio de D. Sebastião.

Elrei não lhe respondeu, e so disse para os que o seguiam, que o acompanhassem aos paços.

Eu não pude, sentia-me desfalecer alli; deixei-os passar todos, e tomei por outra porta. Quando sahi, parecia-me que alguma força sôbrenatural me arrebatava; o vento revolvia a poeira nos ares, os rugidos da tempestade ouviam-se de toda a parte, e o bramir das vagas enfurecidas, que vinham quebrar-se de encontro aos rochedos da costa, confundindo-se com o rebombar dos trovões, parecia ameaço divino contra a cega ousadia do rei, e do reino..... Ao prepassar em frente do convento dos Jeronymos, um tufão de vento arrancou uma arvore, que nascêra alli no terreiro; pareceu-me que o edificio se abalava pelos alicerces, e que esquadrões de espiritos maus se revolviam nos ares..... cahi de joelhos, e á luz dos relampagos, vi as estatuas dos sanctos agitarem-se nos nichos de pedra, e um instante depois, a frontaria do templo desabar com estrondo diabolico; julguei ouvir lamentos confusos, e vozes que bradavam: — Ai de ti Portugal! ai de ti! De nada mais me lembro; quando cheguei a casa, devorava-me a febre, e estive quinze dias entre a morte e a vida; quando pude ordenar as idêas, articular as palavras, perguntei novas d'elrei, e responderam-me que era partido para Africa.....

Quando o ancião acabou de fallar, houve um instante de silencio, e o poeta, com a alma repassada de amargura extrema, com a esperança perdida, recordava cada expressão do religioso: transfundia-lhe os sonhos da febre e do delirio, em certeza e realidade.

O tempo corrêra rapido, o sol ja hia bem alto no horisonte. O religioso levantou-se.

— Seja o Senhor em vossa guarda, disse ao poeta, estendendo-lhe a mão com ar affectuoso, e se elle houver determinado que o rei, e a gloria d'estes reinos, pereça nos campos d'Africa, não serei eu quem mais terá que padecer, e chorar sôbre as desgraças d'esta malfadada terra, porque sinto que as forças me vão desamparando..... Quizera ir morrer a Silves, em meio dos meus fieis, das ovelhas da minha diocese, mas sinto-me desfalecer de dia para dia, e ja agora para ahi morrerei sosinho, sem confortos, como tantos tem morrido..... adeus, sabeis o meu nome, Hieronymo Osorio.....

Parecia querer continuar, mas as commoções embargaram-lhe a voz, e com lagrimas, que lhe estavam saltando pelos olhos, abraçou o poeta, e partiu.

Continúa. *D.*

THEATRO DE SAN'CARLOS.

D. PASQUALE — Opera-buffa de Donizetti — *Um passo a quatro* — O PASSO-DA-ROSA.

307 Duas novidades nos apresentou ésta semana o nosso theatro-italiano: A Opera nova — D. PASQUALE, é a mais importante; é uma peça que desde que foi cantada em Paris pelas notabilidades cantantes, tem feito a volta da Europa, até finalmente nos chegar a este cantinho accidental.

Os nossos antigos dilettanti ja conheciam o libretto, que aqui ouviram em 1814, se a memoria de alguns não falha, com o nome de *Marco-Antonio:* a musica era... Nem elles sabem de quem era a musica, lembram-se do nome da dama, que era *Favanti*, não, não se haviam de lembrar! mas la o nome do *maestro*... Ora, quem tractava ca de *maestri* em 1814?

Donizetti tem algumas operas-buffas, que nós aqui temos ouvido; mas *D. Pasquale* é sem contradicção a melhor d'ellas; póde ser que a melhor de todas depois do *Barbeiro*. É, por assim dizer, uma comedia de familia, expressamente escripta para tirar todo o partido de quatro bons artistas: é uma composição toda aprimorada, onde não se nota nenhuma d'essas negligencias quasi communs nas obras do grande maestro. Os seus motivos são mui agradavelmente vivos e traquinas, e todo o seu andamento é, como o pisar da mulher *coquette*, cheio de bulicio e requebros; uma mobilidade brincalhona, um estylo semi-sentimental ás vezes, sempre faceto e alguma vez gradioso. Tem originalidade em muitas melodias, não obstante a difficuldade de a encontrar em operas d'este genero, quasi sempre d'estylo vulgar. A instrumentação é ricca, elaborada com o melhor gôsto e estudo. Notaram-se principalmente a cavatina de soprano, e o duetto de soprano e baritono, do 1.° acto, o magnifico quarteto do 2.° acto, e o duetto de baritono e baixo do 3.° acto.

A outra novidade, foram dois passos, composição do Sr. Martin, que elegantemente impunha a palma do gôsto na sua bella arte. No *passo a quatro* appareceu pela primeira vez, n'esta estação-theatral, a Sr.ª Moreno, que se mostrou mais completa nas difficuldades da dança, e sempre graciosa no mimo dos seus meneios. Dançou tambem pela primeira vez a solo a menina Rugalli, outra compatriota nossa das mais bem fundadas esperanças coregraphicas. O *passo da rosa* dançado pela Sr.ª Zimman e o Sr. Martin, agradou muito por sua graça mimica, delicadeza e difficuldades.

THEATRO DA RUA DOS CONDES.

LADY SEYMOUR — drama em 5 actos.

308 Ésta peça não se presta á analyse. É um d'esses romances dialogados que se dão na scena dos theatros de *boulevarts* em Paris, e pertence ao genero d'aquellas peças que se fazem para chamar o povo por meio das impressões inesperadas do terrivel, dos extremos do bom e do mau, da oppressão da innocencia, do castigo do crime, e de toda essa farrage accumulada do que mais póde impressionar os sentidos. Atiram com isso ás turbas, prendem-lhe a attenção com uma intriga complicada, onde o dialogo é nullo e os lances todos inverisimieis, chamam-lhe depois drama em tantos actos, e o povo applaude ou reprova, segundo a execução lhe agrada ou não; mas em qualquer dos casos não volta segunda vez a vel-a. Porque a sua impressão foi instantanea; não lhe deixou n'alma uma recordação, não lhe póde produzir um sentimento duradoiro.

A peça de que tracto quiz sahir alguma coisa d'esta senda commum, traçando os seus characteres sem cunhar em nenhum d'elles o sêllo da extrema maldade; mas em compensação sacrifica todo o interesse logico, que a principio parece querer empregar n'uns certos noivos, que veem inesperadamente roto o seu casamento; desvairando a attenção para um sem número de circumstancias, que cada vez mais se complicam, sôbre um acontecimento remoto que não póde interessar-nos senão pela invirisimel e arrastada ligação que o auctor lhe quiz dar com o noivado de que fallei. Uma pobre mulher é trazida caprichosamente a figurar em scena, para fazer um papel inclassificavel, e produzir no espectador um sentimento igualmente inclassificavel.

Felizmente ésta mulher morre, porque tinha os seus dias acabados. Não morreu porém tão depressa que não previsse o seu fim, e para não vagar ululando á meia-noite pelos sitios mais êrmos das moradas dos vivos — por falta de restituições — escreve a seu marido para restituir o credito a outra mulher, e um filho a seu pai: o pobre do viuvo é que não póde haver restituição... Mas em fim, a vontade era boa, e ao menos valham as intenções.

Este genero de peças será muito bom para tudo quê quizerem; mas para o que elle decerto não presta para nada é para a arte. Nem para a arte dramatica que rebaixa, desconceita e destrue, nem para a arte do comediante, aquem éstas peças estragam! Pois se aquella não é a verdade! Se elles não acham na natureza aquelles typos! Hão-de imaginal-os, hão-de *creal-os*. — Ora criem la hippogriffos no seculo XIX, ou sejam pelo menos Ariostos da scena para se servirem d'elles de modo que não repugne!.... No moderno berço da arte, um homem em trajo de diabo fazia rir as turbas; hoje um diabo em trajo d'homem fal-as fugir. A mim decerto, porque não quero nada com o diabo.

Denique sit, quod vis, simples dumtaxat, et unum,

Não é d'Horacio é da razão.

ASSOCIAÇÕES LITTERARIAS.

CONSERVATORIO-REAL.

309 Quinta feira (27) reuniu o Conservatorio pelas 7 horas da noite. O conselho apresentou e foi discutido, o projecto de processo para julgamento dos dramas que concorressem ao concurso aberto para inauguração do Theatro de D. Maria II.

Foi resolvido que uma commissão de nove membros, tres de cada uma das secções-litterarias em que se subdivide o Conservatorio, compozessem o jury de julgamento, cuja sentença sería submettida á decisão do Conservatorio. Foram appprovados outros artigos relativos ao mesmo objecto, e acto-continuo se procedeu á eleição da commissão-mixta. Era quasi meia-noite quando se levantou a sessão.

CORREIO EXTRANGEIRO.

310 Segundo os documentos compilados por M. Alisonparece que desde o principio das guerras da Revolução em França, se recrutaram mais de quatro milhões de soldados, tres milhões dos quaes, pelo menos, morreram nas batalhas, nos hospitaes e nos acampamentos. Ora, como é de suppor que os exercitos inimigos tivessem as suas fileiras igualmente numerosas, segue-se que em 20 annos morreram nunca menos de seis milhões d'homens, por causa da guerra, no seio da Europa e no seculo XIX. A estes devem-se ajunctar os que pelo mesmo motivo pereceram de fome e á mingoa, nos paizes devastados pelos exercitos etc. Contemple-se depois a nossa civilização com que tanto blasonam!

No primeiro semestre d'este anno publicaram-se em França 3.342 obras em differentes linguas, 778 gravuras, 62 mappas e 500 peças de musica. Porque nos não dará a nossa Bibliotheca-pública tambem a statistica do nosso movimento litterario?

Um *improvisador* italiano está fazendo *furore* na capital da Catalunha. Chama-se Cataldi e dá academias d'improvisos no theatro novo d'aquella cidade.

O imperio do Brazil exporta annualmente 85,000 tonneladas de café, que vem a ser 80 por $\frac{0}{0}$ do consummo de toda a Europa e Estados-Unidos.

A imprensa jornalistica em Hispanha vai aproximando-se á competencia com a da França. O *Espanhol*, que ja publicou parte de um romance de A. Dumas, escripto expressamente para os seus folhetins, vai agora publicar o romance d'Eugenio Sue — 'Os sete-peccados-mortaes', que aquelle jornal conseguiu do celebre romancista podêr começar a publicar em hispanhol, *antes* que appareça em francez.

Para se conhecer a actividade que vai adquirindo a litteratura em Hispanha, e o quanto os progressos d'illustração n'ésta nação celebre, se a vantajam aos nossos, bastará dizer que se estão extrahindo n'aquelle paiz 85,000 exemplares do *Judeu-Errante*!

A nossa vizinha Hispanha, de quem desgraçadamente vivemos tão separados em commercio, litteratura e relações, quasi como se existíra fóra da Europa, faz dia para dia progressos importantes em tudo que póde constituir a illustração e prosperidade de um paiz. Pelo que toca a caminhos-de-ferro, sommam 1,127 leguas as linhas concedidas por empresa. O seu custo está calculado em 5,000 milhões de reales. Os principaes são: o que vai de Badajoz a Bayonna, passando por Madrid, Saragoça e Pamplona; o que vem de San'Sebastião a Cadiz, passando por Burgos, Madrid e Cordoba; e o que parte d'Avila a Valencia, passando por Leão, Valhadolid e Madrid. Ja se ve que estes trez carris cortam a peninsnla hispanica em todas as direcções.

CORREIO NACIONAL.

311 M. Paul Laribeau, o habil director do 'Circo' está proximo a deixar Lisboa: elle e a sua companhia deixam saudades. Decerto que M. Laribeau não partirá descontente do público d'esta cidade, mas este tambem não tem senão que elogiar os variados e bellos expectaculos que tem gozado no 'Circo.' Os ultimos d'elles — o beneficio de Mademoiselle Emile, e o do Sr. Coghi — provam uma e outra coisa. O público concorreu em chusma a applaudir; o director esmerou-se na composição do espectaculo. M. Laribeau vai para o Porto ainda este mez.

A mania dos suicidios que parecia ter passado, como que quer infelizmente voltar. Os jornaes do Porto chegados hontem dão-nos notícia de duas d'éstas mortes, e os de Lisboa d'hoje, a de uma terceira n'esta mesma cidade.

Segundo se lê na 'Coallisão' de 26 do passado, um cidadão da villa de Chaves possue um almofariz de marfim, que o Sr. Ignacio Pizarro pensa ser artefacto dos fins do seculo XIV, e traste d'algum astrologo, pelos relevos de que está ornado e outras circumstancias. Gaba-se muito ésta peça archeologica.

Os brigues de guerra 'Tamega' e 'Douro' que sahiram do Tejo a 15 do passado, levaram treze degredados para Angola e Cabo-Verde. Sette d'estes miseraveis são reus por crime de morte.

Acabam de chegar, pelo paquete do sul entrado hoje, uma 1.ª dama e um 1.º tenor, *assolutos*, para o nosso theatro de San'Carlos.

Vai ensaiar-se no Theatro de San'Carlos, 'La fidanzata Corsa,' opera de Paccini, o auctor da 'Sapho.'

A Livraria do Sr. Silva (Praça de D Pedro n.º 82) continúa a inrequecer-se de tudo que sahe de mais magnífico nos prelos de Paris e Bruxellas. Ultimamente recebeu o Sr. Silva uma collecção d'estampas artisticas e technicas, e um grande numero d'obras illustradas, entre as quaes se distinguem: os *costumes, usos e trajos de todos os povos*; os *monumentos de todos os povos*; a *historia e habitos de todas as ordens religiosas*; a *historia, vestes e condecorações de todas as ordens de cavallaria*; os *trajos da idade-media*; e sobre tudo a bella *historia universal de Cantú*, traduzida em francez e adornada com mais de cem estampas.

Ensaia-se no Theatro da Rua-dos-Condes uma nova farça-lyrica pelos mesmos auctores do Beijo: intitula-se, *Um bom homem d'outro tempo*.

Foram inforcados na cidade de Tavira, em 24 do passado, dois reus a quem se provou o horroroso crime de roubo e assassinio nas pessoas de uma senhora, seu neto, e uma criada, em cuja casa serviam estes malfeitores.

A alfandega da cidade d'Horta (Fayal) rendeu no anno economico de 1844 — 45,25:943$299 réis, que é o maior rendimento que tem produzido de 1829 para ca.